
**A imprensa pioneira em língua portuguesa e os gêneros
jornalísticos no século XVIII**

The first Portuguese newspapers and journalistic genres in the
18th century

La prensa pionera en lengua portuguesa y los géneros
periodísticos en el siglo XVIII

Recebido em: 30 maio 2013

Aceito em: 24 jul. 2013

Mariana Giacomini Botta

Universidade de São Paulo (São Paulo-SP, Brasil)

Jornalista, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e em Ciências da Linguagem pela Université Sorbonne Nouvelle. Realiza estágio de Pós-doutorado na Université de Montréal. Contato: marianabotta@gmail.com

RESUMO

A maioria das publicações noticiosas da Europa nos séculos XVII e XVIII foi criada com o objetivo de organizar e resumir as informações que circulavam pelo meio postal. Diferentemente do que se pode supor, encontra-se nestes periódicos uma variedade de gêneros não muito diferente da existente no jornalismo atual. Os gêneros da imprensa se caracterizam pela utilização diferenciada que fazem dos textos de terceiros, pelos traços de intertextualidade e de interdiscursividade que os atravessam, e são observados neste trabalho, nos textos do jornal Gazeta de Lisboa no século XVIII, a partir de um modelo dialógico. Neste enfoque, coloca-se a enunciação no centro da constituição dos gêneros.

Palavras-chave: Gêneros; Imprensa escrita; Século XVIII; História; Gazeta de Lisboa.

ABSTRACT

Most press publications in Europe in the 17th and 18th centuries were created to organize and summarize information circulating through mail service. Contrary to what one might expect, these newspapers show a variety of textual genres that are not very different from those that exist nowadays. Journalism genres are characterized by the differentiated use of interviews and by the traces of intertextuality and interdiscursivity appear in them. In this study, about the texts of the newspaper Gazeta de Lisboa in the 18th century, the textual genre by means of a dialogic model which gives enunciation center stage.

Keywords: Discourse genres; Press; 18th century; History; Gazeta de Lisboa.

RESUMEN

La mayoría de las publicaciones informativas de Europa en los siglos XVII y XVIII se creó con el objetivo de organizar y resumir la información que circulaba por correo. Contrariamente a lo que se podría suponer, en aquellos periódicos la variedad de géneros no difiere mucho de la existente en el periodismo actual. Los géneros periodísticos se caracterizan por el uso diferenciado que hacen de los textos de terceros y por las marcas de intertextualidad y de interdiscursividad que en ellos aparecen. En este trabajo, dichas marcas se observan, en los textos del periódico Gazeta de Lisboa en el siglo XVIII, a partir de un modelo dialógico que coloca la enunciación en el centro de la constitución de los géneros.

Palabras clave: Género; Prensa; Siglo XVIII; Historia; Gazeta de Lisboa.

Introdução

Durante todo o século XVIII a imprensa se popularizou na Europa, com a publicação de gazetas em diversas localidades, o que ampliou o acesso às informações sobre as relações entre os governos. Nesta pesquisa, estuda-se a Gazeta de Lisboa, criada em 1715, o primeiro jornal impresso em língua portuguesa de periodicidade regular. Assim como nas publicações de outros países, na gazeta portuguesa eram relatados acontecimentos de toda a Europa e Ásia, e também eram publicadas notícias sobre o comércio nas colônias na África e na América.

Trabalha-se com um corpus composto de textos jornalísticos que registra mais de 250 mil ocorrências e 25.255 formas diferentes. Este banco de dados é formado por 99 edições do periódico, que vão desde o primeiro ano de sua publicação até 1808, ano em que a família real portuguesa se transferiu para o Brasil (e em que a Gazeta do Rio de Janeiro passou a ser publicada).

Neste artigo, apresenta-se um breve histórico do surgimento da imprensa na Europa e em Portugal, relacionando-o aos serviços de entrega de correspondências, seguido por um estudo sobre os gêneros da imprensa daquela época e do levantamento das características dos gêneros encontrados na Gazeta de Lisboa.

Os correios e a imprensa periódica na Europa

Muitos estudiosos afirmam que a imprensa escrita teve origem no ano 59 a.C., quando em Roma surgiu a Acta Diurna, considerado o mais antigo jornal conhecido. Nele, as notícias eram expostas em grandes placas em lugares públicos, para informar ao povo os mais importantes acontecimentos políticos e sociais¹. Mas a história da imprensa está ligada a uma atividade mais antiga: ela remonta ao Antigo Egito, em que já se dispunha de um sistema postal, pelo qual mensageiros realizavam a pé (daí a origem dos nomes em português “correo” e correio) o percurso entre diversas povoações. Segundo informa Bluteau (1712-1728) em seu dicionário, este sistema foi reorganizado pelo príncipe persa Ciro (424-401 a.C.), que estabeleceu uma rede de 111 pousadas ligando o mar Egeu à cidade de Susa (também chamada Shush ou Šuša). A distância entre cada uma delas era de um dia de percurso, o que possibilitava contabilizar o tempo de entrega das correspondências.

¹ Dados obtidos junto à World Association of Newspapers. Disponível em: <<http://www.wan-press.org>>. Acesso em: 22.jan.2011.

O surgimento da imprensa teria, então, sido motivado pelo aperfeiçoamento e expansão desse sistema de correios nos séculos XV e XVI, sob influência da família Tasso (Torre e Tasso ou Thurn und Taxis), fundadora e gestora da Compagnia dei Corrieri della Serenissima (Veneza), encarregada de transmissão de mensagens comerciais. Eles eram responsáveis pela organização do serviço postal do Papa e das comunicações postais do imperador Maximiliano I de Habsburgo, do Sacro Império, e constituíram uma densa rede de conexões entre centenas de cidades da Europa².

De acordo com Behringer (2007: 167-169), os responsáveis pelo recebimento das correspondências começaram a fazer listas dos assuntos que eram recebidos e remetidos, relacionando-os com seus locais de origem, o que, com o passar dos tempos, deu origem a boletins que circulavam de um lugar para outro. O sucesso das relações de correspondências recebidas e emitidas motivou a publicação de folhas informativas ocasionais, que narravam acontecimentos de grande importância, como guerras, festas religiosas e mortes de membros da realeza. Elas recebiam os seguintes nomes: *Relationes*, em latim, *Zeitungen*, em alemão, *Relaciones*, em espanhol, *Corantas*, em italiano, e *Relações*, em português.

Por volta de 1555, o governo veneziano publicava o *Notizie scritte* ou *Gazeta de le novità*, que também ficou conhecida como *Fogli d'avvisis*. Por essa folha, os leitores pagavam uma pequena moeda, chamada *gazzetta*³, que aos poucos também passou a designar outros tipos de impressos informativos. No início, essas obras noticiosas eram anuais. A primeira de circulação semestral foi o almanaque *Postrema Relation Historica*, lançado em 1538, em Colônia, na Alemanha.

A popularização da prensa com tipos metálicos móveis, criada por volta de 1450 pelo alemão Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (1390-1468), tornou possível que essas informações chegassem a um maior número de leitores. Somente quase um século e meio depois da invenção de Gutenberg, foi criada a primeira publicação de periodicidade mensal, *Historische erzählung* ou *Historische relatio* (também conhecida como *Annus Christi*), escrita por Samuel Dilbaum em 1597, em Augsburgo, na Alemanha⁴. Em 1605, foi publicada em Estrasburgo, hoje na França, a

² Informações obtidas em CATTANI, A. *I Tasso fondatori del servizio postale europeo*. In: Museo dei Tasso. Disponível em: <<http://www.museodeitasso.com>>. Acesso em 22 jan.2011.

³ Informação de BONOMI, F. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana* (2004-2008). Disponível em <<http://www.etimo.it/>>. Acesso em 15 jan.2011.

⁴ Informações de Bollinger (2008), *Dictionnaire historique de la Suisse*, 2008. Disponível em: <<http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F43367.php>>. Acesso em 20 set. 2010.

primeira gazeta semanal, a Relation aller Fürnemmen und gedenckwürdigen Historien (Comunicação de todas as histórias importantes e memoráveis), pelo impressor Johann Carolus, que também criou o Ordinarii Avisa, em 1609⁵. Em 1610, na França, surgiu a publicação anual Mercure François, editado por Jean e Étienne Richer.

Na maioria dos países europeus, a imprensa funcionava em regime de privilégio, sendo necessária uma autorização prévia do governo para que os jornais pudessem ser publicados. Eles eram, assim, submetidos a uma organização corporativa e a uma regulamentação minuciosa sobre a impressão de folhetos e livros.

A imprensa inaugural em Língua Portuguesa

Em Portugal, a primeira publicação informativa impressa data de 5 de dezembro de 1641: Gazeta em que se relatam as novas tôdas, que houve nesta côrte, e que vieram de várias partes no mês de Novembro de 1641, com todas as licenças necessárias, também conhecida como Gazeta da Restauração. Sob a responsabilidade de Antonio Coelho de Carvalho, ela noticiava os eventos da guerra contra a Espanha e outros acontecimentos de Portugal, como a aclamação de D. João IV como rei.

A segunda publicação portuguesa foi o Mercúrio Português, que surgiu em Lisboa, em janeiro de 1663, e foi publicado até 1667. Ele é considerado o primeiro periódico político português, e seu tema principal ficava claro no subtítulo "as novas da guerra entre Portugal e Castela". O jornal era impresso mensalmente na oficina de Henrique Valente de Oliveira, cujo diretor e redator era o escritor, político e diplomata António de Sousa de Macedo, considerado o primeiro jornalista português.

O primeiro jornal diário português surgiu apenas em 1º de maio de 1809: o Diário Lisbonense, fundado por Estevão Brocard e impresso na Impressão Régia, em Lisboa.

A Gazeta de Lisboa

Em agosto de 1715 surgiu o primeiro periódico regular de Portugal, o jornal oficial do reino, Gazeta de Lisboa, que foi dirigido por José Freire de Montarroyo Mascarenhas desde o lançamento até o final de sua vida, em 1760. Neste trabalho, ele é

⁵ Na bibliografia sobre a origem da imprensa periódica há grande desencontro de informações, pois diferentes países atribuem a seus cidadãos a autoria das invenções. A publicação de 1605 passou a ser considerada apenas a partir de 2005 pela WAN – World Association of Newspapers (informação disponível em www.wan-press.org; consulta em 10 jan. 2011) após a descoberta de um documento comprobatório pelo professor Jean Pierre Kintz, registrada em seu livro "Regards sur l'histoire de l'Alsace XVIe-XXe siècle", lançado em 2008 pela Fédération des Sociétés d'Histoire et d'Archéologie d'Alsace (www.alsace-histoire.org).

considerado como primeiro jornal impresso português devido à sua regularidade de circulação, o que não ocorria com os informativos precedentes.

Em seu primeiro número, tinha como denominação Notícias do Estado do Mundo, mas no seguinte já constava Gazeta de Lisboa, título que foi mantido até dezembro de 1717⁶. Ao longo de sua história, o jornal teve diferentes nomes e passou por mudanças editoriais, adaptando-se à realidade política de Portugal. Entre 1718 e 1741, teve como título Gazeta de Lisboa Occidental, mas voltou a se chamar Gazeta de Lisboa ente 1741 e 1760, tendo o nome alterado para Lisboa até 1762.

No reinado de D. José I, o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (marquês de Pombal), suspendeu a licença de impressão por 16 anos, de junho de 1762 a agosto de 1778. O impresso reapareceu em 1778, no início do reinado de D. Maria I. Em 1808, durante a invasão francesa, foi dirigido por Pierre Lagarde, Intendente Geral da Polícia, que substituiu as armas reais portuguesas do cabeçalho pela águia imperial francesa.

Em 1820, passou a ser publicado o Diário do Governo e a gazeta foi extinta. Em fevereiro de 1821, o Diário do Governo passou a se chamar Diário da Regência e, em 5 de junho de 1823, o jornal oficial voltou a se chamar Gazeta de Lisboa. O periódico português recebeu ainda os títulos Crónica Constitucional de Lisboa (1833-1834), Gazeta Oficial do Governo (de julho a outubro de 1834), Gazeta do Governo (entre outubro e dezembro do mesmo ano), Diário do Governo (1835- 1859), Diário de Lisboa (1859 a 1868) e novamente Diário do Governo (1869-1976). Recebeu o nome Diário da República, em 10 de abril de 1976, título mantido até hoje.

Em meados do século XVIII, a tiragem da Gazeta de Lisboa era de cerca de 1.500 exemplares, segundo Belo (1999: 616-617), o que mostra sua restrita circulação. Assim como as gazetas de outros países, a portuguesa também era limitada do ponto de vista informativo. A forma como as notícias eram apresentadas seguia um padrão que era comum à maioria das publicações noticiosas da Europa nos séculos XVII e XVIII:

A relação das gazetas com os serviços postais e de mensageiros é explicitamente marcada desde as primeiras publicações, que apresentavam as notícias divididas de acordo com o país de origem das informações, além de textos com características do gênero epistolar. Cada seção do jornal era dedicada a uma localidade, que vinha expressa no início do texto, seguida pela data da postagem das informações. Em seguida, eram transcritos trechos de cartas e de comunicados oficiais que tinham saído

⁶ Informações obtidas junto à Biblioteca Nacional de Portugal, também disponíveis em <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gazeta_de_lisboa.html>. Acesso em 22.out.2010.

daquele local ou que haviam sido recebidos por lá. Boatos e informações pouco precisas ou não confirmadas também eram relatados.

As informações das localidades mais distantes demoravam, às vezes, vários meses para chegar aos redatores das gazetas. Por isso, as notícias provenientes de lugares mais afastados eram as que abriam as edições desses jornais e, normalmente, as que ocupavam maior número de páginas, enquanto os acontecimentos locais e de regiões mais próximas ao reino, mais recentes, ficavam no final. A distribuição das informações assumia, assim, uma ordem geográfica e cronológica.

Os acontecimentos locais tinham pouco espaço nesses jornais. Na Gazeta de Lisboa, observa-se que a maior parte das notícias sobre Portugal é limitada à descrição das atividades sociais e religiosas da família real e de membros da corte e à nomeação de nobres a cargos públicos.

Em um estudo sobre oito gazetas europeias de 1785, Labrosse (1996: 233) afirma que os textos deste tipo de publicação não se apresentam como um discurso coerente em que se desenvolve um tema único. Trata-se da justaposição de enunciados de natureza e de proveniências diferentes, como ordens reais, relatos de sessões parlamentares, cartas e boletins de correspondentes de outras localidades, trechos de outras gazetas e de memoriais políticos e reflexões e observações do redator do jornal. Percebe-se, assim, que tais características, encontradas também nas páginas da Gazeta de Lisboa, não eram exclusivas da realidade portuguesa.

Considera-se que todas essas observações sobre as características editoriais e sobre as formas de transmissão de informações pela Gazeta de Lisboa são relevantes para as análises linguística e discursiva, uma vez que “o que caracteriza o discurso, antes de tudo, não é seu tipo, é seu modo de funcionamento” (ORLANDI, 2005: 86).

Os gêneros jornalísticos na Gazeta de Lisboa – análises e conclusões

Os gêneros devem ser considerados, segundo Beacco (2004: 153), como entidades discursivas de geometria variável. Ele afirma que as “cristalizações” linguísticas que os caracterizam parecem ser mais salientes em esferas profissionais, científicas ou técnicas, o que é o caso do discurso jornalístico.

Ao se referir à história dos gêneros discursivos, Marcuschi (2002: 19) diz que eles se expandiram com o florescimento da cultura impressa, a partir do século XV. O autor afirma que a tecnologia sempre favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Quanto à imprensa escrita, pode-se considerar que seus textos

constituíam um gênero emergente nos séculos XVII e XVIII, pois o desenvolvimento do sistema postal motivou o surgimento de um novo uso da linguagem: a realização de listas das notícias recebidas e enviadas, publicadas periodicamente nas “relações”.

Nos textos da Gazeta de Lisboa, assim como em outras gazetas europeias daquela época, observam-se características que revelam certa proximidade com as cartas, como, por exemplo, a indicação da localidade de origem das informações e da data de emissão. Mas não se pode considerar os textos desse tipo de periódico como pertencendo ao gênero epistolar: as relações e gazetas destinavam-se a um conjunto de pessoas e não possibilitavam a interação do leitor, como acontece com a carta, que é escrita à espera de uma resposta do destinatário.

Quanto à tipologia textual, as gazetas já apresentavam um aspecto que pode ser observado até hoje na imprensa (e em grande parte dos discursos): a heterogeneidade. Encontram-se textos com características narrativas, expositivas, descritivas e argumentativas.

Em relação à composição construcional, algumas informações são apresentadas de forma bastante resumida, condensadas em uma única frase, com o objetivo de informar apenas o essencial. Em outros casos verificados na Gazeta de Lisboa, quando o relato do acontecimento pedia maior detalhamento, eram dedicados vários parágrafos para tratar do assunto.

Quanto ao conteúdo temático, observa-se a predominância de assuntos políticos, principalmente os relacionados à diplomacia e às relações internacionais. A vida social da realeza e da nobreza, também relacionada ao interesse político, aparecia como tema de destaque nestes periódicos, sobretudo no que diz respeito à sua posição de superioridade, suas atividades religiosas e de lazer e sua saúde. Havia, ainda, espaço para questões de interesse comercial, como informações sobre os produtos que eram recebidos, expedidos ou comercializados nos portos, e também eram publicadas algumas notícias sobre crimes ou ocorrências miraculosas. Na hierarquia de interesses do jornal, os assuntos políticos vinham seguidos pela vida social da nobreza, por questões de interesse comercial, por notícias sobre mortes ou milagres.

Os primeiros indícios do nascimento do gênero publicitário também são encontrados no jornal português desde o início de sua existência. Na primeira edição que compõe o corpus deste trabalho (a quinta desde sua criação), encontra-se, na última página, separadamente das notícias, o seguinte texto:

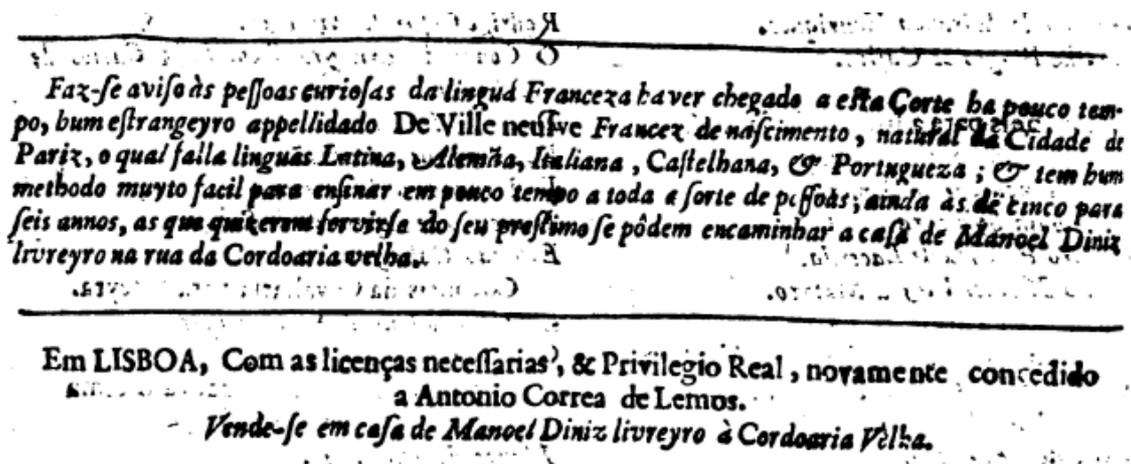


Ilustração 1 - Anúncio publicitário publicado na Gazeta de Lisboa, em 1715.

Transcrito abaixo:

Faz-se aviso às pessoas curiosas da lingua franceza haver chegado a esta corte ha pouco tempo, hum estrangeyro appellidado de Ville Neufve francez de nascimento, natural da cidade de Pariz, o qual falla linguas Latina, Alemãa, Italiana, Castelhana, & Portugueza; & tem hum methodo muyto facil para ensinar em pouco tempo a toda a sorte de pessoas; ainda às de cinco para seis annos, as que quizerem servirse do seu prestimo se pôdem encaminhar a casa de Manoel Diniz livreyro na rua da cordoaria velha. (GDL⁷, 7/09/1715).

Anúncios desse tipo são encontrados durante todo o período analisado, e aparecem na Gazeta de Lisboa geralmente separados dos textos noticiosos por duas linhas contínuas, uma anterior e outra posterior, como pode ser visto na imagem reproduzida acima, e também, frequentemente, pelo título “Avisos”.

Ainda quanto ao conteúdo, outra característica observada nas notícias das gazetas do século XVIII é a pouca precisão na descrição das fontes de informação. Embora haja, no início de cada seção, dados sobre o país de origem e a data de envio dos dados, grande parte das informações veiculadas não é atribuída a uma pessoa ou instituição que seria autorizada a divulgá-la.

Alguns exemplos da indefinição e imprecisão das fontes é a introdução de informações por meio de sintagmas como: “corre a voz que...”, “nam falta quem diga que...”, “he voz geral que...”, “corre a noticia que...”, “os ultimos avisos dizem que...”, “dizem que...”, “querem alguns que...”, “continuase a voz de se achar...”, “segundo as vozes que correm...”, etc..

⁷ Nos excertos extraídos do *corpus*, utiliza-se a sigla GDL para *Gazeta de Lisboa*.

Em diversas ocasiões, o próprio redator da gazeta questionava a veracidade da informação que estava publicando, ou fazia uma ressalva para que o leitor a interpretasse criticamente, como em: “Começa-se a dizer (mas nam se sabe bem com que fundamento)...”, “Ainda se nam sabe com certeza se...” e “Parece que confirmam a voz que corre de...”. Essa comunicação do redator com o leitor, algumas vezes realizada na primeira pessoa do plural, dava ao texto um caráter opinativo, explicitando o ponto de vista do jornalista ou da gazeta sobre o fato. Como pode ser visto em:

(1) Atendendo o Divan a ter sempre refreada a curiosidade dos revoltosos animos dos habitantes desta Cidade, tomou por sua conta dar lhe de tempos em tempos alguns guizados novos, com que a satisfaçam, temperando os sempre de maneira que possam achar nelles o gosto, que desejam. Ultimamente lhes fez presente de hum, que constava da relaçam de varios progressos das armas Ottomanas, sucedidos no sitio de Karsa; e como por ser grande, podia enfastiar o publico, o convidaremos so com o resumo della. [...] Como nam temos visto, o que os Persas referem, suspendemos o credito destas noticias; porem ha outra, que ainda que estas sejam verdadeiras, as contrapeza muito a favor dos inimigos. (GDL, 6/04/1745)⁸.

O trecho citado faz parte da relação das notícias vindas da cidade de Constantinopla, na Turquia, em 13 de janeiro de 1745. Na época, os impérios Otomano e Persa (Turquia e Irã modernos) estavam em guerra pela disputa de territórios. A última frase do excerto leva a crer se tratar da opinião do redator da gazeta, pois diz enfaticamente não dar crédito à informação, introduzindo o ponto de vista de que a versão da história por parte dos persas seria outra.

Percebe-se a existência de elementos que dão ao texto um ar subjetivo, como o uso de metáforas culinárias (guizado, temperar, gosto), os verbos “convidaremos”, “temos” e “suspendemos”, na primeira pessoa do plural, e o posicionamento favorável aos inimigos, o que aproxima esse relato dos gêneros artigo de opinião, comentário ou editorial. Nestes casos, deve-se também levar em consideração que, por o texto ser proveniente de outra localidade, as opiniões expressas podem não ser exatamente as da gazeta portuguesa, mas da fonte emissora da notícia, pois não fica claro se tratar da tradução fiel do que foi recebido pela redação.

Há ainda outro tipo de texto que aparece no periódico lusitano: a transcrição de sessões parlamentares, de tratados e de comunicações oficiais, ou seja, de discursos institucionais.

⁸ Os grifos são nossos.

Ressalta-se que algumas das características observadas na Gazeta de Lisboa, na tentativa de descrever os gêneros que compunham o discurso jornalístico no século XVIII, também foram observadas, apenas a título de comparação, na Gazette de France (1772, 1775 e 1786), Gazette d'Amsterdam (1750) e na Gazette de Cologne (1785). Observações muito próximas foram feitas pela pesquisadora alemã Hrbek (1995), em sua tese sobre a Gazeta de Mântova, desde sua criação, em 1664, até os dias atuais.

Grosse (2001: 17) afirma que a diversidade de gêneros observada no jornalismo contemporâneo é resultado de uma diversificação histórica, iniciada no século XVII. Naquela época, as notícias impressas eram destinadas a uma minoria, a elite alfabetizada, e os textos apresentavam expressões que demonstravam respeito e conformismo, pois qualquer crítica poderia provocar a censura. Além do relato sobre o acontecimento, encontram-se palavras elogiosas, claros elementos de opinião e de avaliação, sinais da época absolutista.

Nessa primeira fase do jornalismo impresso, o resumo (brève, em francês) dos acontecimentos era o gênero elementar e, por isso, Grosse (2001) o considera como o gênero primitivo do jornalismo. A primeira frase do resumo continha uma informação curta, que respondia às questões: quem? (as pessoas envolvidas no fato relatado), o quê? (as ações), quando? (tempo) e onde? (localidade), e, normalmente, num mesmo texto, eram encadeados de três a seis resumos relatando diferentes acontecimentos, que tinham como origem a carta de um mesmo correspondente.

Mais raramente, ainda segundo Grosse, a Gazeta de Mântova trazia notícias mais longas, de até quatro parágrafos, que ele classifica em dois tipos: relatórios cronológicos e relatórios temáticos, que respondiam basicamente a duas questões: como? e por quê?. Segundo o autor, os resumos e os relatórios foram os únicos gêneros jornalísticos observados naquele jornal até o início do século XVIII. Ele considera que o nascimento de outros gêneros jornalísticos esteja ligado a mudanças ou ramificações a partir desses dois tipos.

Um dos gêneros identificados na Gazeta de Lisboa é o resumo de notícias, geralmente composto por uma única frase. Caracterizado por uma sequência de informações curtas, o resumo dava conta do acontecimento, dos envolvidos, dos motivos, do local e da temporalidade, com função parecida com a das notas e chamadas na imprensa atual. São exemplos os trechos:

(2) O príncipe de Kouraxin embaixador extraordinario de s. mag. czariana partio ante hontem desta corte, por haver recebido ordem do czar seu amo, de passar logo ao exercito confederado, que sitia Stralsund. (Paiz baxo, Haya, 8 de agosto. GDL, 7/09/1715).

(3) O Duque de Montemar, que tinha ido a Leorne ver as Tropas que chegaram de Barcelona, se acha ja restituído a esta Corte. (Italia, Florença, 20, de fevereiro. GDL, 7/04/1735).

(4) O rei de Saxonia, indo de volta para os seus estados, chegou a Strasburgo a 17 huma hora depois do meio dia 23. (França, Paris, 20 de dezembro. GDL, 3/02/1810).

Quando o acontecimento pedia um relato mais detalhado, vários parágrafos eram dedicados para tratar do assunto. Esses relatórios informativos, frequentemente cronológicos, constituíam um segundo gênero jornalístico, que tinha a função de responder também às questões como? e por quê?. Mais descritivos, os textos desse gênero incluíam detalhes da situação do acontecimento, como mostra o excerto:

(5) Diariamente recebemos dos Presídios d'Abruzzo noticias desagradaveis de roubos, que ahi se commettem, e do numero de scelerados, que infestão essas partes. Consta que são mais de 300, todos bem armados, e capitaneados por hum desertor. Consta mais que este Chefe allista continuamente novos salteadores, dando a cada hum, logo que assenta praça, dous sequoens, alem do seu sustento quotidiano, e parte nos furtos. Estes malfeitores tem causado hum geral terror nas sobreditas Provincias, e o nosso Ministerio intenta enviar ahi hum Corpo d'Infanteria e Cavallaria para os dissipar. (Napolés, 30 de novembro. GDL, 4/01/1785).

Textos publicitários já existiam na Gazeta de Lisboa desde 1715 e figuravam na última página desta publicação. Entretanto, este gênero informativo-publicitário pode ser considerado uma variante do gênero jornalístico, pois se aproxima das notícias de prestação de serviços. Com o objetivo de promover o consumo de um produto ou serviço, esse gênero é caracterizado por textos na forma de relatório resumido, com a descrição do que se oferecia, onde se poderia encontrar e, na maioria das vezes, as condições para adquirir, como pode ser visto em:

(6) Advertencias. Sahio novamente impressa a pratica criminal para todos os ministros, officiaes de justiça, advogados, e todas as mais pessoas que julgão, e ligitaõ em causas crimes. Vende-se na Officina Ferreiriana na rua dos Galegos junto ao Carmo. (GDL, 16/03/1730).

(7) Sahiu a luz hum livro intitulado: Caminho para o ceo pela devoçam da senhora, composto por Joam Teixeira de Sampayo e Sexas Coelho, padroeiro da capela mor de S. Francisco de Vila do Conde. Contem novenas para todas as invocações de N. Senhora, e he muy util aos seus devotos. Vende-se na cidade do porto em casa de Manuel Pedroso, em Braga na de Joam Pedroso, em Coimbra na de Jose Gaspar Teixeira, e em Lisboa na loja de Francisco Gonçalves na rua nova.

(8) Avisos. Hoje a noite se ha de representar no real teatro de S. Carlos, pelos actores italianos, a opera semi-seria Raollo de Crequi, em que depois do primeiro acto tocarão os dous irmãos José e Pedro Petrides, professores de trompa, que ha pouco tempo chegarão de Vienna a esta corte, hum concerto de duas trompas, e outras peças de musica de nova invenção. Findo o segundo acto do mesmo drama, haverá a dança que seria intitulada o telemaco, em que entra de primeira bailarina Josefa Radaelli, a qual executara tambem hum novo solo, acompanhado de duas trompas, composto expressamente para este dia pelo mestre de baile Domingos Rossi. (GDL, 21/02/1800).

Ainda quanto ao surgimento de outros gêneros, Grosse diz ter sido observado na Gazeta de Mântova o aparecimento da crítica, de “forma muito simples”, numa edição de 1815. Para esse autor, era um tipo de relatório sobre a apresentação de uma ópera, que tinha poucos elementos persuasivos e bastante estereotipados. Também na Gazeta de Lisboa um esboço do gênero crítica de arte é encontrado, em relatos sobre a apresentação de óperas, em que se observa um novo uso da adjetivação no jornalismo da época, com função avaliativa, mas ainda ligada ao enaltecimento. Nesses textos se observa certa proximidade com o colunismo social, quando são descritos detalhes do evento e são citadas as pessoas que o prestigiaram, como nos exemplos:

(9) Na vila de Santarém celebrou a Academia Scalabitana a 2 do corrente a sua decima quinta sessam, dedicada, como havia disposto, a saudosa memoria do ilustrissimo, e excelentissimo senhor marquez de Valença d. Francisco Paulo de Portugal a Castro. Foy nella presidente, recitando em hum panegyrico funebre, elegante, e erudito as virtudes moraes, e as açoes mais heroicas deste marquez, o m. r. p. mestre fr. Manuel de S. Bernardo, religioso da provincia de S. Francisco de Portugal, ex-guardiam do convento da sua ordem na mesma vila, qualificador do Santo Oficio, examinador das tres ordens militares, consultor da bula da Santa Cruzada, e leitor da sagrada theologia na cadeira de Vespera. Recitaram-se nesta conferencia admiraveis, e infinitas poesias latinas, e portuguezas a todos os assumptos, distinguindo-se muito nestas ultimas o academico Felix da Silva Freire, assistido sempre de hum perene, e discreto entusiasmo, como manifestam as muitas, e plausiveis obras, que tem feito. Houve hum luzidissimo, e numeroso concurso de nobreza, ministros, prelados, e religiosos, e tanta quantidade de versos, que se nam puderam acabar

de ler em toda a tarde, e em grande parte da noite. (Lisboa, 12 de fevereiro. GDL, 12/02/1750).

(10) Acha-se actualmente nesta corte huma extraordinaria afluencia de estrangeiros, e vam chegando cada dia mais, para participarem dos divertimentos do carnaval, que aqui começou a 26 do mez passado com a opera intitulada Vologeso, que tem sido geralmente aplaudida, tanto pelas excelentes vozes dos representantes, como pelo que toca a decoraçam dos bastidores, e das maquinas. Brevemente se pora sobre o theatro outra nova, que tem por titulo Marcio Coriolano. (Modena, 8 de janeiro. GDL, 17/02/1750)

Neste segundo excerto destaca-se o uso de sequências com função persuasiva, como “tem sido geralmente aplaudida” e “excelentes vozes”, que mostram uma avaliação positiva. Levando-se em consideração que a adjetivação era frequente nos textos desse jornal nos casos em que era feita referência a pessoas da nobreza e às suas realizações, considera-se que aqui se encontra o que pode ter sido a origem do gênero crítica de arte no jornal, pois se trata de um novo uso da adjetivação neste meio, com uma nova função, a avaliação, mas ainda muito ligada ao enaltecimento.

Também próximos do colunismo social, relatos sobre a saúde e as atividades religiosas e de lazer dos reis e príncipes são constantes na Gazeta de Lisboa:

(11) Suas Magestades Catholicas passaraõ para o Real sitio de Santo Ildefonso, donde Domingo foraõ visitar a milagrosa Imagem de N. Senhora de Robledo. (Hespanha, Madrid, 20 de junho. GDL, 05/07/1725).

(12) O rey de Sardenha, nosso soberano, logra ao presente saude perfeita, e continua a sua assistencia na casa real de Campo da Veneria, donde vem de quando em quando a esta cidade, como fez antehontem, que declarou publicamente o casamento de serenissimo duque de Saboya, seu filho primogenito, com a serenissima infanta dona Maria Antonia, irmam do rey catholico. (Turin 20 de dezembro. GDL, 3/02/1750).

Discursos institucionais, como a transcrição de proclamações, decretos, sessões parlamentares, tratados e comunicações oficiais, ou parte deles, também integram o primeiro periódico português, como pode ser visto em:

(13) Publicou-se hum decreto do conselho de estado, no qual ordena sua magestade que todos os que mandarem as casas da moeda deste reyno ouro, ou prata em patacas, ou de qualquer outro modo vindo de paizes estrangeiros ate o valor de 10U libras, se lhes pagarão ate o primeiro de julho proximo 4 dinheiros por cada libra como se da

aos que trocã moedas. (França. Pariz, 21 de janyro. GDL, 16/02/1730).

(14) Proclamação do rei de França Luiz XVIII dirigida aos Francezes: “Privando-vos d'hum Rei, cujo Reinado inteiro se passou em prizão, mas cuja infancia offerencia ja sufficientes fundamentos para crer que elle viria a ser hum digno successor do melhor dos Reis [...]. Ao principio commettestes os vossos interesses a pérfidis Representantes, os quaes, trahindo a confiança que nelles haviéis posto, e violando os juramentos que havião prestado, abrirão o caminho para a sua rebelião contra o seu rei”. (GDL, 3/10/1795).

Todas essas características observadas na Gazeta de Lisboa se referem aos elementos fundamentais dos gêneros citados por Bakhtin: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Mas, segundo Moirand (2007: 93), eles correspondem mais à concepção de texto que à de discurso.

Por isso, a autora propõe que o estudo dos gêneros seja realizado numa perspectiva realmente discursiva, a partir de um modelo dialógico que coloque a enunciação no centro da constituição dos gêneros e a intertextualidade no centro do esquema da comunicação. Para ela, no estudo dos gêneros é preciso relacionar o que é interno (a estrutura do enunciado) ao seu exterior (o contexto extraverbal).

Nessa perspectiva, observa-se que a pouca precisão na descrição das fontes de informação é marcante no jornal português. Grande parte das informações veiculadas não tem origem atribuída a uma pessoa ou instituição autorizada a divulgá-la.

Do que pode ser considerada uma fórmula e/ou estratégia discursiva recorrente, que diferencia um gênero dos demais, destaca-se na Gazeta de Lisboa o uso de expressões de generalização, como “corre a voz”, “espalha-se a notícia”, entre outras presentes na maioria dos textos deste jornal. Dentre essas expressões, destacam-se as formadas por correr + voz, que têm quase 80 ocorrências no corpus, como pode ser visto no quadro abaixo, que reproduz dados obtidos por meio da ferramenta concordances et inventaires distributionnels do programa L^{éxico} 3⁹:

⁹ Este quadro e os demais apresentados neste trabalho têm o objetivo de ilustrar a recorrência das formas citadas. Os dados apresentados são reproduções fieis dos resultados obtidos no processamento do *corpus*.

Roma 20 de julho . Desvanecio-se a voz que estes dias passados corria nesta corte audiencia publica de s . mag . imp. Corre voz que a republica offerece meter hua grande grande numero de barris de polvora. Corre voz , que a guarniçaõ de egena em Morea se ha & começa a entenderse que com aquella voz encobre outro designio differente . Ante agosto . Ha dias que nesta corte corre a voz de se haver descuberto que no porto de Havre o emperador , que lha concedeo ; & corre voz que este ministro voltara brevemente a Pariz Stralsund a 21 de agosto. A qui correo voz que elrey de Suecia se havia embarcado na pelo graõ vizir ; mas em Modon corria voz , que aquella praça se sentia muy apertada em hua audiencia a S . Santidade . Corre voz que no primeyro Consistorio que houver , entes com o gram senhor , como ja correo voz , antes sua alteza lhes assegurou agora a varios conselhos de estado ; e corre a voz de que pretende conseguir certo grande negocio y capitaõ tenente . Tem - se espalhado a voz de que o emperador da Russia vira a este m senhor . Genova 4 de fevereyro . Corre voz que o gram duque tem resolutio tomar a soldo pçoens de muitas pessoas ricas , e corre voz que manda aparelhar dous navios para dar lavia ; e acrescentam , que corre alli a voz , de que o mesmo Conde se mostrava resolutio pertencentes a Coroa da Russia . Corre a voz , que a Emperatriz ira este Veram ver as os Imperiaes , segundo tem corrido a voz intentavam passar para empreender alguma a substancia se nam penetrou ; e so pela voz , que depois deste tempo corre , se supoem hum corpo de 20U homens . Corre a voz , que se esta trabalhando em hum Tratado nas suas terras. Tambem aqui corre a voz , que o famoso Thamas Kouli Khan , depois deu ocasiam a correr na Helvecia aquella voz . Aviza - se de Leorne , que o Mestre de nem marchou para o Danubio , como correu voz , so se avançou até Jaffy , donde voltou De Cassel se avisa , correr alli a voz , de estar concluindo hum Tratado de Subsidio

Quadro 1 – Algumas das coocorrências das unidades voz e correr na Gazeta de Lisboa.

A unidade voz tem entre suas acepções no dicionário de Bluteau: “fama que corre, rumor”, que condiz com o sentido encontrado na gazeta. Pelas ocorrências do corpus, percebe-se que é uma expressão que varia muito pouco, sendo mais frequente o uso do verbo correr no presente seguido pela unidade voz, embora haja ocorrências com vozes, mais frequentemente associada ao verbo espalhar:

em sem demora aos seus postos ; porém as vozes , que se tinham espalhado sobre este projecto huma audiencia particular , que todas as vozes, que se tem espalhado de huma nova de Pariz se nos assegura , que todas as vozes, que se tem espalhado dos grandes armamentos Constantinopla , nas quaes se refere , que as voces que se espalharam de querer Thomas Kouli para Gablio , o que faz entender que as vozes que se espalharam dos designios do General sua alt . eleit . haverem-se espalhado vozes, de que faz algumas disposicoes em prejuizo Constantinopla , que desmentem todas as vozes, que maliciosamente se espalharam em varias Pereira de Campos , espalhando-se nas vozes do publico que elle na commissão de que Florença 9 de Janeiro . Segundo as vozes que correm, a Regencia recebeu cartas da eceberam de Corsega , se desvaneceram as voces, que tinham corrido, de se achar prezo dizem ter pouco , ou nenhum fundamento as vozes, que correm de alguns designios , que hão

Quadro 2 - Coocorrências das unidades vozes e espalhar/correr no corpus da Gazeta de Lisboa.

Outra variante, usada com a mesma finalidade, é a expressão formada por correr + notícia, menos frequente e também pouco variável, com 9 ocorrências no corpus:

empresza de Stralsund ; mas como corre a noticia , de que s . mag . sueca defende pessoalmente suas mãos . Veneza 21 . de setembro . A noticia que correo da vitoria , que a nossa armada stantinopla 1 de dezembro . Aqui corre a noticia de que as armas ottomanas tem alcançado estiveram no seu dominio ; e até corre a noticia de haver elle dito , que esperava meter se fez a vela para Leorne . Corre aqui a noticia , de haver o Almirante de Inglaterra Haddock , irmam do nosso Soberano . Aqui corre a noticia , de que S . A , Real esta contratando com ocupavam no Condado de Temeswar . Corre a noticia de que duas gales do Gram Senhor , que Napoles 9 de dezembro . Foy intempestiva a noticia , que correu do nascimento da princeza caõ entre ella e a de Stockholmo . Outra noticia que tem corrido ultimamente , he vendido

Quadro 3 - Coocorrências das unidades notícia e correr no corpus da Gazeta de Lisboa.

Com a unidade notícia coocorrem outros verbos, sendo os mais frequentes dar, receber, chegar, ter, trazer, mandar e confirmar, o que revela o formato menos rígido dessa expressão generalizadora em relação às compostas pela unidade voz.

Foram encontradas outras ocorrências frequentes de formas que exprimem generalização e imprecisão, com verbos nas formas impessoais, como:

Nam falta quem diga que
 Começa-se a dizer (mas nam se sabe bem com que fundamento)
 Dizem que...
 Continua-se em dizer que...
 De que resulta o dizerse ...
 Os ultimos avisos dizem que...
 Tambem temos avisos certos de...
 Aviza-se de ...
 Assegura-se ... mas tambem se diz que...
 Aqui se assegura que...
 Continua-se a assegurar que...
 Torna-se a falar da...
 Fala-se em...
 De que se tem falado
 Querem alguns que...
 Tem-se averiguado ...

Quadro 4 - Expressões com verbos na forma impessoal encontradas na Gazeta de Lisboa.

Assim como o emprego de verbos na forma impessoal, as expressões generalizadoras distanciam o que é enunciado do enunciador, não o comprometendo com o conteúdo enunciado. Essas duas estratégias sugerem a apresentação de um fato aceito como verdadeiro. Dessa forma, o enunciador atribuiu as informações a um outro, anônimo, que sustenta seu próprio discurso.

A apresentação das notícias por meio de expressões generalizadoras é uma regularidade que indica formas linguísticas prototípicas dos gêneros que constituem o discurso da Gazeta de Lisboa. Considera-se a presença desse tipo de expressão como

um traço distintivo do gênero jornalístico daquela época, diferenciando-o dos gêneros atuais da imprensa, que privilegiam a publicação de dados provenientes de fontes autorizadas, oficiais e/ou confiáveis. Essas generalizações funcionam como formas fixas que caracterizam os textos jornalísticos daquela época, quase na mesma medida em que a fórmula “era uma vez...” marca o gênero conto.

Segundo Moirand (2007: 93), os gêneros da imprensa se caracterizam também pela utilização diferenciada que fazem dos discursos de outros, pelos traços de intertextualidade ou de interdiscursividade que os atravessam. O modelo dialógico da enunciação, desenvolvido por esta autora, visa explicar os funcionamentos discursivos com base no que se encontra inscrito na materialidade da sequência discursiva, e um de seus focos é o estudo do ato de citar a fala de terceiros.

Os falares citados e identificados encontrados no corpus são originários de fontes oficiais (reis, príncipes, nobres, políticos e religiosos), o que confere autenticidade ao acontecimento que é narrado. O emprego prioritário dos *verba dicendi* na introdução de discursos de fontes oficiais confirma que, para o jornal, apenas as falas de pessoas autorizadas mereciam ser explicitadas.

Na transcrição desses dizeres predomina o uso do discurso indireto, que permite uma maior influência do enunciador, que adapta as falas de outros a seu texto. O discurso direto, ao contrário, demonstra a preocupação do enunciador em reproduzir fielmente as palavras do coenunciador, dissociando as duas situações de enunciação.

O uso da primeira pessoa é frequente, sobretudo na forma de pronomes possessivos, que aparecem quase sempre nas falas citadas de autoridades. Há poucos casos em que a primeira pessoa é usada pelo redator do jornal, que também recorre ao uso de metáforas para sinalizar, discretamente (e raramente), o posicionamento da gazeta sobre um assunto.

Observa-se ainda a comunicação direta do redator com o leitor em ocasiões em que aquele questiona a veracidade da notícia que está publicando, ou faz uma ressalva para que este a interprete com olhar crítico. Em todos esses casos, os textos adquirem um caráter subjetivo, que os aproxima dos gêneros opinativos.

Pode-se concluir que os gêneros jornalísticos fazem parte de um saber comum, que era, inclusive, compartilhado pelos redatores de jornais de outras localidades da Europa, citadas neste trabalho. Isso confirma a afirmação de Kabatec (2004), de que as tradições discursivas são transferíveis de uma língua para outra, o que estaria ligado à sua universalidade. Os dados analisados confirmam que o gênero é uma entidade

linguística e cultural, ou seja, um objeto verbal distinto e uma forma sócio-histórica de estruturação da comunicação social que permite apreender o sentido social.

Referências

BEACCO, J.-C. Trois perspectives linguistiques sur la notion de genre discursif. In: *Langages. Les genres de la parole*. Paris: Armand Colin, 2004-1, n. 153.

BEHRINGER, W. La « révolution des communications » au début des temps modernes. Mots-clé pour une systématisation. Francia – Forschungen zur westeuropäischen Geschichte, 2007. Disponível em: <<http://www.perspectivia.net/content/publikationen/francia/francia-retro/34-2-2007/0155-0194>>. Acesso em 20 set. 2010.

BELO, A. A Gazeta de Lisboa e o terramoto de 1755: a margem do não escrito. In: *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Lisboa*. Lisboa, 1999, v. 34, n. 151-152, p. 619-637. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799295R1gOI5ej4La97VE7.pdf>>. Acesso em 10 set. 2007.

_____. Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da Gazeta de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, 2004, v. 10, n. 22, s./p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200002>. Acesso em 10 set. 2007.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico [...]*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.

BOLLINGER, E. *Annus Christi*. In: *Dictionnaire historique de la Suisse*. 2008, on-line. Disponível em: <<http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F43367.php>>. Acesso em 20 set.2010.

BONOMI, F. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana (2004-2008)*. Disponível em: <<http://www.etimo.it/>>. Acesso em 22 set. 2010.

CATTANI, A. I Tasso fondatori del servizio postale europeo. In: *Museo dei Tasso*. Disponível em: <<http://www.museodeitasso.com>>. Acesso em 22 jan.2011.

GAZETTE d'Amsterdam. Edição de 1750. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=bRkEAAAAYAAJ&dq=Amsterdam%201750&pg=PT1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 27 jan.2010.

GAZETTE de Cologne. Edição de 1785, disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=CJFHAAAAYAAJ&dq=Gazette%20%2B%20Cologne%20%2B%201785&pg=PT261#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 20 mar.2010.

GAZETTE de France. Edições de 1772. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=RCgDAAAAYAAJ&dq=gazette&pg=PA7#v=onepa>>

ge&q&f=false>; Edições de 1775. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=wyoDAAAAAYAAJ&dq=gazette&pg=PA1#v=onepage&q&f=false>>; e Edições de 1786. Disponível em: <<http://books.google.fr/books?id=RSgDAAAAAYAAJ&dq=Gazette%20de%20France%201786&pg=PA55#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 12 mai.2010.

GAZETA de Lisboa. Dados históricos. Ficha da obra. Biblioteca Nacional de Lisboa. Disponível em: <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gazeta_de_lisboa.html>. Acesso em 5 set. 2006.

GROSSE, E.-U. Evolution et typologie des genres journalistiques. In: Semen. On-line, 2001, n° 13. Disponível em: <<http://semen.revues.org/2615>>. Acesso em 17 dez. 2010.

HRBEK, A. Vier Jahrhunderte Zeitungsgeschichte in Oberitalien. Text-, sprach- und allgemeineschichtliche Entwicklungen in der „Gazzetta di Mantova“ und vergleichbaren Zeitungen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995. Resenha da tese. Disponível em: <<http://www.ub.uni-konstanz.de/kops/volltexte/2000/593/pdf/lueg3010.pdf>>. Acesso em 23 out. 2010.

KABATEC, J. Sobre a historicidade dos textos. Trad. José da Silva Simões. Revista Linha d'água. São Paulo: DLCV-FFLCH-USP, 2004, n. 17, p. 160-167. Disponível em: <<http://www.ffmpeg.usp.br/dlcvlport/linhadagua/images/arquivos/LD/17/traducao2004.pdf>>. Acesso em 15 set. 2010.

LABROSSE, C. Patrie, peuple, nation dans les gazettes de 1785. In: RÉMI-GUIRAUD, S.; RÉTAT, P. Les mots de la nation. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1996, p. 233-244.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais. Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. (org.); BEZERRA, M. A. (org.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MOIRAND, S. Le modèle du cercle de Bakhtine à l'épreuve des genres de la presse. In: Linx. Nanterre (France): Centre de recherches linguistiques de Paris 10, 2007, n. 56, p. 91-108.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005, 3ª ed.

WORLD Association of Newspapers. Disponível em: <<http://www.wan-press.org>>. Acesso em 7 fev.2011.